

TEATRO DE FANTOCHES COMO ESTRATÉGIA AO TEMA LEISHMANIOSE VISCERAL NO ENSINO FUNDAMENTAL

Puppet theater as a tool to teach elementary school students about visceral leishmaniasis

Antônio José da Costa [nijosedacosta@hotmail.com]

Laura Helena Pinto de Castro [laura.castro@uece.br]

Ivo Batista Conde [ivo.conde@uece.br]

Roselita Maria de Souza Mendes [roselita.mendes@uece.br]

Germana Costa Paixão [germana.paixao@uece.br]

Lydia Dayanne Maia Pantoja [lydia.pantoja@uece.br]

Universidade Estadual do Ceará/Universidade Aberta do Brasil – UECE/UAB

Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – CEP 60.714-903 – Campus do Itaperi – Fortaleza – Ceará

Recebido em: 14/12/2017

Aceito em: 21/06/2018

Resumo

As ferramentas lúdicas de educação contribuem para o desenvolvimento do aprendizado, dentre elas o teatro de fantoches se destaca por ser uma prática que ajuda no desenvolvimento integral do aluno. Nesse contexto, objetivou-se investigar as contribuições do teatro de fantoches como ferramenta pedagógica lúdica, abordando a importância do tema leishmaniose visceral no Ensino Fundamental. O presente estudo se caracterizou como uma pesquisa descritiva, com uso de um questionário avaliativo. A atividade foi aplicada em uma escola do município de Fortaleza, em turmas de 4ª e 5ª anos do Ensino Fundamental I. Foi elaborado o roteiro da peça intitulada “A morte do cachorro chupeta” e dois fantoches: um masculino (João) e outro feminino (Magda), que conversaram sobre a leishmaniose visceral. Para verificar as possibilidades do teatro de fantoches como recurso para a aprendizagem do conteúdo que se referem a leishmaniose, foi aplicado um questionário com as crianças. Responderam aos questionários, 67 alunos, sendo 52,3% do sexo masculino e 47,7% do sexo feminino. Algumas informações sociais e demográficas foram registradas e sobre a tematização que se refere a leishmaniose visceral, onde a maioria dos alunos responderam acertadamente. Os resultados apontaram que a aplicação do teatro de fantoche para a temática leishmaniose visceral foi positiva, através do lúdico foi possível promover o conhecimento para estimular a conscientização dos alunos de suas responsabilidades em relação a prevenção e controle da doença, tornando-se um multiplicador de ações na escola e na comunidade.

Palavras chave: Teatro; Ludicidade; Leishmaniose.

Abstract

Educational play tools contribute to the development of student learning, with puppet theater being a highlight, a practice that can help the intellectual development of children. In this context, this work aimed to investigate the contributions of puppet theater as a teaching tool to convey the importance of the theme visceral leishmaniasis in elementary schools. This study is descriptive, in

which a questionnaire about the experience was used as an instrument to collect data. The activity was applied in a school in the city of Fortaleza to fourth and fifth graders. The play was entitled "The death of the peaceful dog" and the script was developed based on a primer issued by the Ministry of Health. The play involved two puppets, a male (John) and a female (Magda), who talked about visceral leishmaniasis. To verify the possibilities of the puppet theater as a resource for learning about leishmaniasis, a questionnaire was applied to the children in the classroom after the puppet presentation. Sixty-seven students answered the questionnaire, 52.3% boys and 47.7% girls. Some social and demographic information was collected also, such as the average age, number of family members and race or color of the student. The other data reflected the knowledge gained about visceral leishmaniasis, where most of the students correctly answered the questions. Therefore, the results indicate that the application of puppet theater to teach about visceral leishmaniasis was positive. The great majority of students were able to learn the content of this subject, and through the playful activity it was possible to stimulate awareness of their responsibilities in prevention and control of the disease, making them multipliers of actions in the school and community.

Keywords: Puppet theater; Fun learning; Visceral leishmaniasis.

INTRODUÇÃO

As ferramentas lúdicas de educação são importantes para o desenvolvimento e aprendizado do aluno, como por exemplo os gibis, *blogs*, jogos educativos, cartilhas, teatro de fantoches, entre outros.

O teatro de fantoches tem sua origem na Pré-História, quando os homens se encantavam com suas sombras movendo-se nas paredes das cavernas. No mesmo período, as mães desenvolveram o teatro de dedos, através também de sombras nas paredes, para entreter seus filhos. Com o passar dos anos, os homens começaram a modelar bonecos de barro e outros tipos de materiais até conseguiram articular a cabeça e os membros dos bonecos, em seguida, começaram a fazer representações (Ladeira & Caldas, 2002).

No Brasil, a região Nordeste despontou com o teatro de fantoches, principalmente em Pernambuco, onde é conhecido como o teatro mamulengo, rico em situações caricatas. Observando-se esse caminhar, percebe-se que o teatro de fantoches pode auxiliar o processo de ensino e aprendizagem, já que é uma ferramenta educativa de interatividade com os diversos públicos, especialmente para crianças, favorecendo a atenção e a memorização do conteúdo ensinado (Amaral, 1997).

O teatro de fantoches "...auxilia a aprendizagem, colabora para um desenvolvimento individual, como social e cultural, coopera para uma vida mental mais saudável, prepara também para um estado interior produtivo, facilita os processos de coletividade, participação, expressão e construção do saber" (Gomes, 2006, p. 12).

De acordo com Piaget (1971), a evolução ou desenvolvimento da criança provém do lúdico, ela precisa se divertir para crescer. Sendo assim, o trabalho com teatro de fantoches na escola tem uma importância ímpar na educação: o aluno aprende a inventar, desenvolver a socialização, como também a criatividade, coordenação, boa capacidade de memorização, oralidade, leitura, pesquisa, expressão corporal, imitação de voz, adquire habilidades para as artes plásticas (pintura, confecção de bonecos e montagem de cenário), apresenta um equilíbrio emocional, torna-se cidadão, trabalha a religiosidade, ética, sentimentos, interdisciplinaridade, proporciona o contato com obras clássicas, fábulas, meio ambiente, saúde e outros.

Dentro deste contexto, o presente trabalho produziu um roteiro de teatro de fantoches, cujos personagens dialogam sobre o controle e prevenção da Leishmaniose Visceral – LV para as turmas do Ensino Fundamental I, do 4º e 5º ano, em uma escola municipal de Fortaleza-CE. A escolha da temática se deve ao fato de o autor do trabalho atuar como educador em saúde da prefeitura municipal de Fortaleza e ter feito alguns projetos, com abordagem de outros temas, aplicando esta estratégia para alunos do Ensino Fundamental.

Pesquisas de educação em saúde sobre as leishmanioses em escolas de ensino básico demonstraram que professores e alunos informados podem ser agentes multiplicadores de ações profiláticas na comunidade, sendo capazes de atuar de forma relevante no controle de endemias (Uchôa et al., 2004; Magalhães et al., 2009).

O presente trabalho justificou-se pela importância de sensibilizar os alunos sobre a LV no Ensino Fundamental, como deve-se manter o controle e a prevenção para que seres humanos e animais tenham vidas saudáveis, portanto, o trabalho objetivou investigar as contribuições do teatro de fantoches como uma ferramenta pedagógica lúdica, abordando a importância do tema LV no Ensino Fundamental.

METODOLOGIA

O presente estudo se caracterizou como uma pesquisa descritiva, de abordagem quanti e qualitativa, pois de acordo com Gil (2008) é a que possui como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência. Bem como, ao se tentar refletir frente à contribuição do teatro de fantoche e sobre a experiência vivenciada com essa ferramenta lúdica, foi utilizado como instrumento de coleta um questionário, visto que, conforme Farias, Nunes e Nóbrega-Therrien (2010, p. 18), o questionário é apresentado como um dos procedimentos “...mais usuais na investigação em Educação, advertindo-se, ainda, para o fato de que eles não têm valor por si próprios, mais auferem maior sentido somente quando situados em um marco teórico argumentativo que lhes confira credibilidade.”

O público alvo foram 67 alunos do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental I, turno manhã, com faixa etária de 8 e 10 anos. A pesquisa desenvolveu-se de acordo com os preceitos éticos da Resolução 466/2012 que regulamenta as pesquisas envolvendo seres humanos (Brasil, 2012).

A atividade foi aplicada em uma escola do município de Fortaleza-CE, a mesma apresenta em média 1.050 alunos matriculados, com turmas da Educação Infantil (pré-escola), Ensino Fundamental I, em dois turnos (manhã e tarde). No turno da noite a escola funciona com turmas do Ensino para Jovens e Adultos (supletivo) e Ensino Fundamental (supletivo). A escola apresenta boa infraestrutura, como água filtrada, energia e esgoto da rede pública, lixo destinado a coleta periódica e acesso à internet.

Em suas dependências encontram-se 17 salas de aula, biblioteca, quadra esportiva, sala de professores, dependência e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, cozinha, despensa, almoxarifado, pátio coberto, parque infantil, banheiros adequados a educação infantil (masculinos e femininos), refeitório, secretaria, sala de coordenação e diretoria, além de uma área verde.

O roteiro da peça foi intitulado de “A morte do cachorro chupeta” e baseou-se na cartilha do Ministério da Saúde - Projeto “LeishNÃO o alvo da prevenção é você”, para controle e prevenção da LV. Também foi utilizada a cartilha desenvolvida como parte do projeto “Geoepidemiologia da Leishmaniose Visceral em Campo Grande-MS, uso de geotecnologias aplicadas ao planejamento estratégico para controle de Leishmaniose Visceral humana e canina no

contexto do SUS”, com o apoio da FUNDECT-MS e do “Projeto LeishNã: educação sanitária como ferramenta de controle e prevenção da Leishmaniose em Campo Grande-MS”

Neste contexto foram confeccionados dois fantoches: um fantoche masculino (João) e outro feminino (Magda) que conversaram sobre a LV. O fantoche masculino é muito inteligente e esperto, porém é muito medroso. O outro não tem medo de nada, mas não tem nenhum conhecimento do que seja a LV. Foi pensado somente em dois personagens pois a atenção no momento do diálogo entre eles é muito importante, principalmente porque o aluno precisa compreender a história e ao mesmo tempo aprender a temática em evidência.

Os bonecos foram confeccionados e apresentados no pátio da escola, colocados em uma estrutura coberta de pano, para que as crianças não vissem quem era o titeriteiro. O trabalho foi apresentado após o intervalo, 40 min para execução da apresentação e 20 min para verificar as possibilidades do teatro de fantoches como recurso para a divulgação da LV, sendo aplicado um questionário com as crianças em sala de aula após o término da apresentação dos fantoches.

As informações coletadas foram organizadas de forma a verificar as contribuições do teatro de fantoches como uma ferramenta pedagógica lúdica, abordando a importância do tema LV no Ensino Fundamental. Os dados foram apresentados através de frequências simples e relativas e os pontos centrais foram discutidos à luz da literatura atual e pertinente sobre a temática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Produção dos Fantoches

A confecção dos fantoches Magda e João apresentam características distintas. O fantoche Magda (Figura 1) foi estruturado com cabeça e pernas feitas de esponjas, cabelo com tranças na cor marrom com duas fivelas feitas de esponjas de cor branca e dois laços amarelos em cada fivela, o corpo preto é de um tecido fino e transparente para facilitar o manuseio do fantoche, a boca foi feita de papelão grosso para dar movimento no ato da apresentação, sendo destacada com a cor vermelha, olhos pretos com branco arregalados feito de material plástico, dando um expressão de vida ao fantoche (boneca), orelhas de tecido e o nariz arredondado também feito de tecido preto. Os pés foram feitos de esponjas destacando-se com um tecido na cor vermelha e amarela, dando um tom especial ao fantoche. A entrada de manuseio do fantoche para colocar a mão é toda de esponja e não requer tecido algum.



Figura 1 – Fantoche denominado de Magda elaborado para apresentação do roteiro “A morte do cachorro chupeta”.
Fonte: Elaborado pelos autores.

O fantoche João (Figura 2) foi feito de um material chamado TNT, de cores variadas, com corpo de cor branca, mão e rosto de cor rosa, boca feita de um papelão mais fino, sendo de cor vermelha com língua rosa, cabelos feitos de lã desfiada de cor marrom, com uma faixa vermelha e um detalhe de azul representando um profissional da saúde, uso de um estetoscópio de cor lilás com detalhes alaranjados. Contém uma abertura para o manuseio do fantoche.



Figura 2 – Fantoche denominado de João elaborado para apresentação do roteiro “A morte do cachorro chupeta”.
Fonte: Elaborado pelos autores.

É muito importante a escolha bem pensada frente ao material que se utiliza para conduzir uma peça de teatro com fantoches para crianças, pois será possível ou não despertar interesse por parte dos alunos dependendo da idade de cada um, corroborando o trabalho de Guerra, Gusmão e Sibrão (2004) que realizaram atividade semelhante, com a criação de um teatro de fantoches confeccionados com materiais alternativos, utilizando meias de futebol. Essa atitude de buscar materiais excêntricos para a plateia ou público também foi indicada por outros autores, como Junqueira, Silva e Leitão (2002).

Ainda no estudo de Guerra, Gusmão e Sibrão (2004), ao final das apresentações, foi verificado, juntamente com os professores, que a atividade só despertava o interesse dos alunos menores, da alfabetização e de algumas creches, dos três aos cinco anos. A seguir, desenvolveram uma série de jogos e de gincanas com a temática ambiental e conseguiram despertar o interesse dos jovens de dez e doze anos por terem, nessa faixa etária, um espírito competitivo mais desenvolvido.

Dentro desse estudo ainda, depois de várias reuniões de planejamento, resolveram tentar novamente os fantoches, desta vez com um tamanho maior, 50 a 60 cm, e confeccionados com tecido e/ou espuma, com esta nova aplicação resultou-se em uma maior receptividade. Desde então outras temáticas foram sendo criadas e encenadas, sempre seguindo um planejamento com os professores das escolas. Cada peça era apresentada pelo menos uma vez em cada escola, porém o seu texto era modificado de acordo com a situação encontrada nas mesmas, ou atendendo a alguma solicitação dos professores, observando que alunos aprendiam com as atitudes dos personagens como se fossem as suas.

Com esse relato de experiência publicado e o do presente estudo, pode-se afirmar que o teatro de fantoches busca por meio de personagens imaginários dialogar sobre assuntos do cotidiano, trabalhando a realidade de forma lúdica. Essa metodologia vem sendo desenvolvida com o intuito de promover um tipo de educação diferente da tradicional, concluindo que o teatro de fantoches envolve o espectador pelos seus cinco sentidos físicos, mas, especialmente pelo lado

emocional. Todas as funções da mente se voltam para o palco, para os bonecos (Figura 3). Toda a atenção é então, concentrada na diversão e no aprendizado (Guerra, Gusmão & Sibrão, 2004).



Figura 3 – Imagem dos dois fantoches denominados de Magda e João elaborados para apresentação do roteiro “A morte do cachorro chupeta”.
Fonte: Elaborado pelos autores.

Roteiro do Teatro de Fantoches

No roteiro do teatro de fantoches sobre a LV existe um diálogo entre o fantoche Magda e o fantoche João, o mesmo consegue repassar a Magda informações a respeito da doença LV, devido o cachorrinho dela, chupeta, ter morrido desta terrível doença.

O roteiro enfatiza a doença, denominada popularmente de calazar, Magda (fantoche) em sua fala demonstra desconhecimento sobre a LV, que é transmitida ao cão através da picada do mosquito flebótomo contaminado, deixando o animal infectado e podendo transmitir também ao ser humano. Porém, o segundo boneco João, por ter um conhecimento maior da doença, esclarece a Magda sobre todos os principais sintomas, tanto no animal como no homem, dirimindo definitivamente as dúvidas do fantoche Magda.

Além de incentiva-la a cuidar sempre do animal, realizando a higienização dele e do local onde ele vive, para que o inseto não venha a proliferar, destacou-se o fato do animal poder ficar doente caso o inseto com o protozoário *Leishmania chagasi* lhe faça um respaldo sanguíneo, e ainda ser retirado do meio ambiente pelos agentes de zoonose. Com tantas informações de João, Magda fica impressionada e se alegra superando a perda de seu cachorrinho que morreu de calazar, o amigo João oferece a ela um outro cachorrinho, onde ela grita e pula de felicidade, agradecendo seu amigo por ter conquistado um novo cãozinho.

Comparando o trabalho de Zago, Franceschini e Zocoller-Seno (2009), eles afirmam que o desenvolvimento de projetos que visam o esclarecimento ou conscientização dos alunos é de fundamental importância, como por exemplo, àqueles relacionados à educação em saúde.

Ademais, a aplicação de assuntos relacionados ao tema saúde auxilia os alunos a desenvolverem responsabilidades perante o seu próprio bem-estar, a praticar hábitos saudáveis e contribuir para a manutenção de um ambiente salutar (Toscani, 2007).

Aplicação do Teatro de Fantoches

A aplicação da aula com teatro de fantoche sobre a LV foi realizada junto a 67 alunos das turmas de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental com todo apoio da coordenação da escola. Alunos e professores contribuíram para que os resultados fossem satisfatórios, principalmente porque o lúdico é uma metodologia diferente, que requer atenção e a maioria dos alunos acaba se apaixonado pelos bonecos que criam vida e a aula torna-se livre e prazerosa, porque as crianças

parecem receber bem melhor e armazenar com mais facilidade as imagens, quando são apresentadas através de algo que as encante emocionalmente como é o caso do teatro de bonecos (Galvão, 1996).

Destaca-se também o papel dos profissionais da escola que contribuíram com os materiais para aplicação do teatro principalmente com a parte do empanado, onde o manuseador dos fantoches não pode ser visto, e ainda com caixa de som e microfone. Após o teatro de fantoche, os alunos foram levados pelo professor para suas salas de aula, onde foi aplicado, turma por turma, o questionário. Houve o registro fotográfico e a satisfação dos alunos foi constatada.

Análise dos questionários

Um total de 67 alunos responderam aos questionários, sendo 52,3% do sexo masculino e 47,7% do sexo feminino. Algumas informações sociais e demográficas foram registradas, como, a faixa etária dos alunos, sendo que 73,2% tinham 10 anos, seguido de 23,9% com 9 anos e 2,9% com 8 anos.

Em seguida, os alunos foram questionados com quantas pessoas moram na mesma residência, 56,7% moram com mais de cinco pessoas, enquanto 43,3% moram com menos de cinco pessoas. Sendo 82,1% de cor parda, 16,4% é de cor branca e 1,5% de cor negra.

Antes da apresentação do teatro de fantoche foi realizada uma abordagem sobre a LV. Questionou-se a turma sobre a doença e a sua causa, porém ninguém soube responder, ficaram todos calados e até confundiram com outras doenças, percebeu-se que era necessário o fantoche entrar em ação.

Mesmo assim, antes do teatro, também buscou-se saber se os alunos conheciam uma doença chamada calazar e 30% de toda turma disse que já ouviu falar, porém não sabiam nada sobre a doença, apenas um aluno registrou que era a doença de cachorro. Não foi revelado que a LV é o calazar, deixando que todos aprendessem com a história contada durante o teatro de fantoches. Percebeu-se então que os alunos até ouviram falar da doença calazar, porém com o nome de LV, nunca ouviram. Além disso, estavam todos ansiosos para que a história começasse. Daí constata-se a necessidade de a criança ter contato também com o lúdico.

Segundo o MEC (1998), para a educação infantil, o desenvolvimento da criança acontece através do lúdico, sendo necessário que a criança brinque, tenha prazer para crescer, precisa do jogo como forma de equilíbrio entre ela e o mundo, portanto, a atividade escolar deverá ser uma forma de lazer e de trabalho, fazendo com que a criança tenha um desenvolvimento completo.

Fazendo comparações frente a dificuldade apresentada inicialmente pelos alunos, isso foi observado pelos autores Silva e Piassi (2010). Eles aplicaram o teatro de fantoche para alunos de 2º ano do Ensino Fundamental e perceberam que as crianças tiveram dificuldade no tocante aos conceitos de presa e predador. Situação similar ao verificado no presente trabalho, constatou-se que os alunos têm algum conhecimento, mas não conectam aos nomes técnicos.

Como propõe Vigotski (2007), quando uma criança age em conjunto a um momento de ação imaginário, o seu comportamento é dirigido além da percepção ou da situação imediata, ela consegue também agir pelo significado de toda a situação. Ainda, para o autor, “é no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, em vez de apenas uma esfera visual externa” (Vigotski, 2007, p. 113).

Portanto quando o aluno foi questionado sobre o que aprendeu sobre a doença denominada de LV, 99% apontaram a resposta correta, calazar, entretanto, 1% assinalaram a opção hepatite e ninguém assinalou opção dengue. Percebe-se que com este resultado a maioria dos alunos

envolvidos prestou atenção na temática pois no início, como foi relatado acima, não sabiam do que se tratava a LV.

Da mesma forma, quando foi questionado ao aluno a respeito do inseto flebótomo, aquele que pode vir a infectar o animal, fazendo com que ele se torne um reservatório, 99% dos alunos responderam corretamente que esse animal é o cão. Comparando este resultado com o trabalho de Oliveira, Costa e Rocha (2001), onde afirmam que após ter aplicado o teatro de fantoche a 70 crianças com a temática alimentação saudável e sua importância para a saúde, a análise das respostas sobre o nível de conhecimento dos escolares em relação aos hábitos alimentares demonstrou no momento inicial 41,21% de acertos e, após a intervenção lúdica, a média de acertos aumentou para 67,83%. Isso significa que após uma ação educativa, os alunos avaliados demonstraram mais saberes sobre o tema.

Na sala de aula foi observado que os alunos do 4º ano como do 5º ano comentavam entre si que o homem fica doente após a picada do inseto infectado e 99% tiveram êxito em suas respostas quando assinalaram a questão correta. Também foi perguntado aos alunos se no cão os sintomas são unhas grandes, queda de pelo, falta de apetite, as respostas de 94% foram corretas, porém 6% assinalaram a resposta errada.

E quando foi perguntado ao aluno sobre os sintomas de calazar no homem, 82% responderam corretamente que essa doença acomete o fígado e o baço da pessoa e 18% marcaram opções erradas.

Outra questão que foi direcionada aos alunos estava relacionada com a prevenção, isto é, o que deveria ser feito para manter o mosquito flebótomo fora do alcance do cão e do homem. 99% dos alunos optaram pela opção correta, limpar o quintal, enquanto poucos alunos tiveram dúvidas e responderam outras opções equivocadas. Acredita-se que os alunos podem vir a marcar questões simples como estas erroneamente, possivelmente devido à falta de leitura, desinteresse ou falta de atenção. Entretanto, o professor poderá acompanhar o aluno para corrigir esta deficiência e motivá-lo ao aprendizado. Além disso, ele pode então verificar habilidades, analisar atitudes, observar comportamentos, aprender a conhecer seus alunos, o que muito o auxiliará no processo educativo (Fantinato & Rodrigues, 2004).

Para concluir, foi perguntado aos alunos se eles aprenderam sobre o calazar, 88,1% afirmam ter entendido sobre a temática, 13,4% entenderam medianamente e apenas 1,5% não entendeu. Da mesma forma, se eles gostaram da peça teatral com os fantoches: 79,1% adoraram, 13,5% mais ou menos e 7,4% não gostaram. Se levar em consideração o trabalho de Guerra, Gusmão e Sibrão (2004), entre diferentes atividades lúdicas desenvolvidas na escola analisada por esses autores, o teatro de fantoches foi a mais eficiente para atingir um dos objetivos primordiais da educação ambiental que é o de modificar comportamentos tornando-os mais harmoniosos com o meio. Logo, o teatro de fantoches pode e deve ser usado no cotidiano da sala de aula, não apenas abordando a educação ambiental, mas outros conteúdos do currículo escolar, como a LV, conforme observado na presente pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos resultados do presente estudo mostra que a aplicação do teatro de fantoche para a temática LV foi positiva. Os alunos na grande maioria conseguiram responder acertadamente sobre o conteúdo. Além disso, espera-se estimular a prática docente no uso desta ferramenta pedagógica lúdica, com sua utilização em sala de aula, buscando refletir sobre sua contribuição como ferramenta que auxilia na aprendizagem do aluno. Portanto, as escolas são convidadas a

investir em ferramentas lúdicas, como o teatro de fantoche, pois além de possibilitar o aprendizado do aluno, desponta como uma maneira prazerosa de se aprender brincando.

Sendo assim, através do lúdico foi possível estimular a conscientização dos alunos de suas responsabilidades em relação a prevenção e controle da doença, tornando-se multiplicadores de ações na escola e na comunidade.

REFERÊNCIAS

- Amaral, A. M. (1997). *Teatro de Animação*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Brasil. (2014). Conselho Nacional de Saúde. *Diretrizes e Normas de Pesquisa em Seres Humanos*. Resolução 466/12. Acesso em 14 out., 2014, <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>.
- Brasil. (1998). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Apresentação dos Temas Transversais*. Brasília, MEC/SEF: 1998.
- Brasil. (2011). Ministério da Saúde. *Leishmaniose visceral: recomendações clínicas para redução da letalidade*. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.
- Fantinato, T. M., Rodrigues, E. F. (2004). Teatro de Fantoche. In: *Educere*, 2004. IV Educere PUCPR - II Congresso da área de Educação. Curitiba: PUCPR, 2004. Acesso em 08 dez., 2015, <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2004/anaisvento/Documentos/CI/TC-CI0149.pdf>.
- Farias, I. M. S. de, Nunes, J. B. C., Nóbrega-Therrien, S. M. (2010). *Pesquisa científica para iniciantes: caminhando no labirinto*. Fortaleza: EDUECE.
- Galvão, M. N. C. (1996). *Possibilidades Educativas do Teatro de Bonecos nas escolas públicas de João Pessoa*. Dissertação do Curso de Mestrado em Educação, Centro de Educação, UFPb, João Pessoa.
- Gil, A. C. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas.
- Gomes, A. C. L. (2006). *Atividades Lúdicas: Distração ou promoção do desenvolvimento cognitivo e afetivo?* In: Anais do XI Encontro Nacional dos Grupos PET. Documento eletrônico em formato PDF. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.
- Guerra, R. A. T., Gusmão, C. R. de C., Sibrão, E. R. (2004). *Teatro de Fantoche: uma estratégia de educação ambiental*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba.
- Junqueira, L. H., Silva, C., Leitão, L. A. (2002). O teatro na escola: uma proposta multidisciplinar no processo de ensino e aprendizagem nas aulas de Educação Física. *Leituras; EF y Deportes – Revista Digital*. Buenos Aires, 8(50). Acesso em 14 dez., www.efdesportes.com.
- Ladeira, I., Caudas, S. (2002). *Fantoche & CIA*. São Paulo: Scipione.
- Magalhães, D. F., Silva, J. A., Haddad, J. A., Moreira, E. C., Fonseca, M. I. M., Ornelas, M. L. L., Borges, B. K. A., Luz, Z. M. P. (2009). Dissemination of information on visceral leishmaniasis from schoolchildren to their families: a sustainable model for controlling the disease. *Cadernos de Saúde Pública*, 25(7), 1642- 1646.

Oliveira, C. de O., Costa, S. D., Rocha, S. M. B. (2011). Educação nutricional com atividade lúdica para escolares da rede municipal de ensino de Curitiba. *Cadernos da Escola de Saúde*, 2(1), 100-116.

Piaget, J. (1991). *A formação do símbolo na criança, imitação, jogo, sonho, imagem e representação de jogo*. São Paulo: Zandar, 1971. Acesso em 25 out., 2015, <http://www.efdeportes.com/efd162/atividade-ludica-como-meio-de-desenvolvimento.htm>.

Silva, T. P., Piassi, L. P. de C. *Teatro de Fantoches no ensino de ciências na fase de alfabetização*. 2010. (Apresentação de Trabalho/Seminário).

Toscani, N.V., Santos, A. J. D. S., Silva, L. L. M., Tonial, C. T., Chazan, M., Wiebbelling, A. M. P., Mezzari, A. (2007). Desenvolvimento e análise de jogo educativo para crianças visando à prevenção de doenças parasitológicas. *Interface - Comunic. Saúde, Educ.*, 11(22), 281-94.

Uchoa, C. M. A., Serra, C. M. B., Magalhães, C. M., Silva, R. M. M., Figliuolo, L. P., Leal, C. A., Madeira, M. F. (2004). Educação em saúde: ensinando sobre a leishmaniose tegumentar americana. *Cadernos de Saúde Pública*, 20(4), 935-941.

Vygotsky, L. S. (2007). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

Zago, A. C., Franceschini, L., Zocoller-Seno, M. C. (2009). *Educação em saúde: ensinando sobre a leishmaniose visceral americana a alunos do Ensino Fundamental de Ilha Solteira – SP*. In: IIIENCIVI – Encontro de Ciências da Vida, 2009, Ilha Solteira. Acesso em 14 dez., 2017, <http://www.feis.unesp.br/Home/Eventos/encivi/iiiencivi-2009/educacao-em-saude....pdf>